

A narrativa de adesão ao tráfico: sistemas de coerência e neutralização do desvio

É no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo de palavras de que ela é teatro.

R. Barthes

- *‘Por que você fez isso? Por que você ficou tanto tempo preso? Por que você foi pra lá? Por que, por que, por que, por quê’?*

- *E como é que você pretende responder isso aí?*

- *Eu tô me preparando, to me preparando.*

- *Tá se preparando?*

- *Tô. Pra ser bem autêntico, muito autêntico.*

Trecho extraído da entrevista com Lúcio, participante da pesquisa.

Os capítulos anteriores desta tese procuraram articular teorias sobre desvio, identidade e narrativa, alinhando o objetivo geral da pesquisa, qual seja, o modo como os internos de um complexo penitenciário constroem compreensão sobre si mesmos e suas ações criminais e manejam (neutralizam) seu estigma perante interlocutores não-desviantes. Tendo em vista que as entrevistas realizadas em campo sempre apresentavam como tópico fundamental as histórias sobre a entrada dos participantes no universo do crime, é objetivo mais específico deste capítulo *identificar as narrativas de adesão ao tráfico construídas por internos de uma instituição prisional e os processos discursivos de negociação da identidade desviante que emergem dessas construções.*

A definição de tal objetivo, como se viu, subscreve vertentes que apostam na dimensão simbólica como criadouro de co-construções de rótulos e trajetórias orientadas para propósitos interacionais específicos. No âmbito dos estudos sobre identidades, isso significa assumi-las como sentidos co-construídos localmente,

estrategicamente, levando-se em conta: i) aspectos culturais, históricos e institucionais, que orientam pertencimentos ou reações a estes e ii) aspectos interacionais tais como aqueles que conduzem atores sociais a construírem-se sob uma luz favorável (Goffman, 1959), sempre orientados pelas expectativas em relação ao outro e à definição da situação. De maneira semelhante, a definição de narrativa aqui adotada a entende como modo de organizar sequencialmente experiências passadas com base, conforme salientado acima, não em uma ordem do real, mas em expectativas culturais e estratégias interacionais (Bruner, 1990; Linde, 1993; Mishler, 2002).

Para contribuir com o objetivo geral acima delineado, a presente seção se debruça, primeiramente, sobre a transcrição dos primeiros minutos de uma entrevista gravada com José, na escola da penitenciária da qual este é interno. Conforme descrito no capítulo 4, José é uma jovem liderança da facção criminosa a que pertence. Os excertos de sua entrevista aqui contemplados recobrem aproximadamente 14 minutos de gravação, durante os quais o interno narra sua história familiar, seu envolvimento com artes plásticas e seu primeiro confronto com a polícia, fato que, segundo ele, teria motivado sua adesão ao tráfico. Após a análise da narrativa de José, tomada neste trabalho como uma espécie de protótipo das narrativas de adesão, sigo com a apreciação de outras duas narrativas representativas selecionadas do *corpus* da pesquisa por suas especificidades: as de Jorge e de Lúcio.

7.1

José e o episódio de violência policial

A natureza da entrevista de José e das histórias que dela emergem especifica uma questão para esta seção: *Como José constrói sua narrativa de adesão ao tráfico?* A análise que se segue responde a essa pergunta a partir de três etapas complementares entre si, a saber:

a) análise das relações de sequencialidade e causalidade da narrativa, bem como dos sistemas de coerência em elas se apoiam, conforme os encaminhamentos teóricos presentes em Linde (1993);

b) análise do modo como o narrador se descreve em relação ao seu passado, que, nos dados aqui apresentados, resulta da observação da codificação da agência (Duranti, 2004) no discurso de José, e da maneira como essa manifestação linguística constrói uma apresentação sócio-discursiva (Goffman, 1959) do narrador-personagem também a serviço do sistema de coerência que costura a entrevista.

c) análise das categorizações e expectativas sobre a própria pesquisa tornadas relevantes na entrevista como encontro interacional misto e que se evidenciam em momentos específicos em que o interlocutor interrompe os tópicos da narrativa em curso – mudança de enquadre, como se viu no capítulo 5 – para prestar conta de uma espécie de “agenda”, ao que parece influenciada pelo reconhecimento, por parte de José, desta pesquisa um tipo de trabalho que demanda reflexões sociais de crítica à estratificação social e ao sistema carcerário brasileiro.

As subseções seguintes exploram cada um desses movimentos.

7.1.1

Causalidades e sequencialidades da narrativa

As entrevistas que compõem os dados desta pesquisa apresentam uma característica recorrente. Narrativas sempre são construídas com o propósito de justificar, ou prestar conta, da escolha criminal, mesmo nos casos em que não se perguntou explicitamente sobre isso. A adesão ao tráfico – seu caráter extraordinário e reportável – é, então, um tópico tácito, que deriva dos esquemas de conhecimento compartilhados que orientam a entrevista. No caso de José, sua narrativa equaciona a entrada no tráfico ao preconceito e especificamente ao fato de ter sido perseguido por um policial.

Como se verá adiante, três pequenas narrativas se articulam na formação de uma narrativa maior, cujo ponto é esclarecer as razões da entrada de José no mundo do crime. Em outras palavras, estou considerando, então, os três excertos apresentados ao longo da seção como uma única narrativa, dividida, entretanto, em três movimentos diferentes, cada um com um “sub-ponto” específico e relacionado ao projeto interacional de apresentação do *self* na entrevista.

EXCERTO 1: DESCULPABILIZAÇÃO DA FAMÍLIA

- 1 **Liana** †vamos começar então... falando um pouco da sua história
 2 de vida, né?, assim, eu queria que você contasse um pouco
 3 pra gente como é que foi sua vida.. pode ser†...
 4 **José** [no caso o quê? da infâ:ncia ou...
 5
 6 **Liana** [pode ser desde a infâ::ncia, pode ser da sua relação com
 7 a sua famí:lia, vamos começar primeiro do incincho... pra
 8 eu tentar reconstruir a sua trajetória ... ver quem é.. o
 9 José † .hhh
 10 **José** então vamos lá... eu sou o José, né, atualmente tenho
 11 vinte e nove anos, nascido e criado lá em Itaboraí...
 12 entendeu? ... so:u filho de pais separados ... com uma
 13 trajetória de vida sofrida...né?, ao ponto de eu me-
 14 encontrar privado. quando meu pai e minha mãe se separou,
 15 eu tinha aproximadamente três anos de idade... e daí por
 16 diante minha mãe começou a lutar pra poder.. sustentar não
 17 só eu também, como mais quatro irmãos... minha mãe já
 18 fo::i dona de (casa), minha mãe já foi servente ... minha
 19 mãe já fo::i é... empregada doméstica... e daí por
 20 diante†... e então minha mãe conheceu um rapaz, né, que
 21 veio a criar nós†,...
 22 **Liana** foi seu padrasto?
 23 **José** foi meu padrasto. Me criou muito bem.. dando educação..
 24 mais tranquilo, meu pai também sempre fez
 25 (incompreensível) assistência a nós e também () e daí foi
 26 surgindo o †José, né? José estudou, estudou, estudou
 27 bastante... e- e a família queria mais isso do que
 28 (crime). estudou, °fez primeiro grau completo° e a <vida>
 29 infelizmente me reservou isso daqui...

No excerto 1, uma primeira sub-narrativa é identificada com base nos critérios sintáticos labovianos:

1. **Sumário:** “eu sou o José, né, atualmente tenho vinte e nove anos (...)entendeu? (linhas 10-2)
2. **Orientação:** so:u filho de pais separados (...) encontrar privado” (linhas 12-4)
3. **Ações narrativas:** “quando meu pai e minha mãe se separou (...) e a família queria mais isso do que (crime)” (linhas 12-28)
4. **Coda:** “e a <vida> infelizmente me reservou isso daqui” (linhas 28-9)

Todas as etapas prototípicas da construção narrativa comparecem e se articulam em um movimento recorrente nas histórias de vida dos internos: comumente eles procuram salvar a família das responsabilidades sobre a entrada no tráfico, construindo-a, especialmente aos pais, a partir de avaliações positivas.

A fala de José, marcada por paralelismos enfáticos (linhas 17-19), atribui, por exemplo, à mãe, qualidades relacionadas à luta, garra e honestidade:

minha mãe já fo::i dona de (casa),
 minha mãe já foi servente ...
 minha mãe já fo::i é... empregada doméstica...
 e daí por diante↑...

Mesmo a separação dos pais, referida primeiramente nas linhas 12-3 (so:u filho de pais separados ... com uma trajetória de vida sofrida...né?) é reconstruída em seguida, e destituída de avaliações negativas nas linhas 23-5 (foi meu padrasto. me criou muito bem (...) meu pai também sempre fez assistência a nós), passando de fator de sofrimento (e possivelmente motivação para entrada no crime) à simples inserção de mais uma pessoa alocada positivamente como referência familiar. Como se verá adiante, o salvamento da família será crucial para a tese que se depreende de seu relato, a saber, a desvinculação do discurso psicologizado sobre as causas do desvio (cf. capítulo 2) em favor de uma visão macrosociológica que culpabiliza o “sistema” pela condição do apenado.

Na linha 26 (e daí foi surgindo o ↑José, né?), o protagonista da história se constrói como alguém que emerge dessa estrutura familiar adequada – como quem herda, inclusive, o self agentivo e honesto atribuído à mãe. Novamente são as repetições enfáticas (José estudou, estudou, estudou, linha 26-7) que funcionam como recurso avaliativo nesse sentido.

EXCERTO 2: APTIDÃO PROFISSIONAL

- 33 **José** que hoje em dia eu- eu sei que sou capaz de desenhar,
 34 eu sou artista plástico ... e::
 35 **Liana** [ah, eu não sabia que
 36 você também... faz parte do grupo ((olhamos todos para
 37 as pinturas do outro lado da sala))
 38 **José** eu até fiz aquele lá, a senhora lá com o neném lá. eu
 39 fui fazendo ((aponta com orgulho uma das melhores obras
 40 expostas na sala)),
 41 **Liana** que ↑ótimo... .hhh
 42 **José** a foto, olho para a foto aqui e jogo no papel ...
 43 vários tamanho..., qualquer tamanho eu jogo e::...

No excerto 2, uma segunda sub-narrativa, menos canônica que a primeira, mas de função semelhante no discurso, é construída. Um novo sumário (que

hoje em dia eu- eu sei que sou capaz de desenhar, eu sou artista plástico, linhas 33-4) rompe a história familiar em andamento para introduzir uma nova virtude de José. As orações narrativas subsequentes (linhas 38-43), ancoradas na referência dêitica à obra exposta na sala em que se realizou a interação, ressaltam a competência artística de José (sub-ponto), que, de forma análoga ao que ocorre na primeira sub-narrativa da história familiar, se constrói como alguém capaz, talentoso e esforçado:

eu sei que sou capaz de desenhar,
eu sou artista plástico (linhas 33-4)

eu até fiz aquele lá,
a senhora lá
com o neném lá. (linhas 38-9)

vários tamanho...,
qualquer tamanho eu jogo (linha 43)

As habilidades com desenho são descritas com ações no presente e índices de avaliação positiva, como autoelogios, tais como as repetições e ritmo paralelístico, de modo a representá-las como corriqueiras e fáceis, frente às habilidades do artista.

EXCERTO 3: VIOLÊNCIA POLICIAL E ENTRADA NO TRÁFICO

44 **José** (...) qualquer tamanho eu jogo e::... () realmente as
45 autoridades veio a me transformar nisso... porque...
46 quando eu tinha a idade de:: dezesseis anos ... eu
47 sempre tive uma aparência assim ao.. primeiro olhar que
48 alguém tem pra mim diz que eu sou criminoso, .. pela
49 minha aparência.. .. aí várias vezes eu indo pra
50 escola, ou vindo da escola, eu indo prum bar, ou indo
51 pra alguma festa, eu sempre me deparava com uma viatura
52 ou um policial, sempre. o primeiro, esse foi o
53 primeiro.. então, aos meus dezessete anos de idade ..
54 foi quando? sofri a primeira violência policial.. por
55 quê? tava indo namorar uma menina ... trabalha:va,
56 estuda:va... mas quando no ponto de ônibus tinha um
57 rapaz também que .. à vista deles era criminoso.. já
58 fichado né?, ino caso.. então me abordaram., me
59 aborda:ram, .. falaram que eu era criminoso e que era
60 () pra eu botar a minha carteira e .. meu
61 contracheque, e não tive ideia "aqui não tem idéia
62 não, que pá, ...passa perto de vagabundo, vagabundo
63 mesmo". e eu como? sendo abordado, e então eu não tenho
64 que parar ao lado de quem não tem que () me agrediu
65 fisicame:nte, moralme:nte também... e daí por diante eu
66 fiquei mal visto por e:les, por ser uma pessoa por

67 falar o que eu penso.
 68 **Liana** [ficou marcado.
 69 **José** [fiquei marcado por um (brutão) deles, tava
 70 como?, me marcando ... ao ponto de falar pro dono da
 71 boca que se me encontrasse quatro horas da noite tal
 72 () eu não seria mais, não taria mais vivo, né?... aí
 73 minha família também (teve essa preocupação...). foi
 74 aonde que eu tive que abandonar a escola, abandonar ↓
 75 tudo.

O excerto 3 apresenta a terceira e mais longa sub-narrativa da entrevista. A partir de um novo sumário avaliativo (realmente as autoridades veio a me transformar nisso, linhas 44-5), José começa a desenvolver outro ponto: a justificativa de sua entrada para o tráfico. Esse resumo, que aparentemente se apresenta como uma nova ruptura do fluxo de tópicos da entrevista, está apenas retomando o movimento presente na primeira narrativa no excerto 1, linhas 12-3 (com uma trajetória de vida sofrida, né?, ao ponto de eu me encontrar privado), redirecionando-o para a adesão ao crime – o tópico tácito da entrevista, conforme dito acima. Se o sofrimento lá anunciado parecia incoerente com a história familiar de garra e honestidade, agora ele assume um contorno diferente.

Essa nova narrativa também apresenta estrutura pouco canônica. A longa orientação (linhas 47-54) que leva o interlocutor a um período pontual na adolescência de José (quando eu tinha a idade de:: dezesseis anos (linha 46); então, aos meus dezessete anos de idade, linha 53), ao mesmo tempo em que destaca pela primeira vez um atributo construído negativamente (eu sempre tive uma aparência assim ao.. primeiro olhar que alguém tem pra mim diz que eu sou criminoso, linhas 46-48), é reforçada e reparada por um segundo resumo (então, aos meus dezessete anos de idade .. foi quando? sofri a primeira violência policial.., linha 54) que reenquadra as orações narrativas subsequentes (linhas 57-79). Dessa vez, essas orações prestam conta de um episódio específico, localizado pontualmente no passado de José.

As avaliações presentes no excerto, como o comentário “eu sempre tive uma aparência assim” (linhas 46-8), fazem com que aquele *self*, antes capaz e proveniente de uma família adequada e honesta, passe a se vitimizar

diante de circunstâncias que fogem ao controle do ator, como a sua aparência e a frequência da vigilância policial. Tal frequência é enfatizada avaliativamente por meio de paralelismos enfáticos (linhas 49-53; 55-6; 58-9; 64-5),

aí várias vezes eu indo pra escola,
ou vindo da escola,
eu indo prum bar,
ou indo pra alguma festa,
eu sempre me deparava com uma viatura ou
um policial, sempre.
o primeiro,
esse foi o primeiro.. (linhas 49-53)

tava indo namorar uma menina ...
trabalha:va,
estuda:va... (linha 55-6)

então me abordaram.,
me aborda:ram, ..
falaram que eu era criminoso
e que era () (linha 58-9)

me agrediu fisicame:nte,
moralme:nte também... (linha 64-5)

e fala reportada (linhas 61-3), que conferem dramaticidade à ação complicadora, levando o ouvinte para dentro da narrativa: “↑aqui não tem ideia não, que pá, ...passa perto de vagabundo, vagabundo mesmo”.

O narrador despreza a trajetória familiar, reportada como um passado distante, para atribuir a um episódio mais recente, a violência policial, a causa determinante de sua entrada para o crime. É após a discussão com o policial que José passa a ser perseguido e tem de buscar refúgio com os traficantes da comunidade, com quem aprende o novo ofício: foi aonde que eu tive que abandonar a escola, abandonar tu↓do, (linhas 74-4).

Tanto a primeira narrativa sobre a família quanto aquela que descreve a aptidão de José para artes plásticas – e isso é fundamental para a análise aqui empreendida – sofrem um processo de “transposição sintática” que subordina esse dois movimentos à terceira narrativa: as duas primeiras histórias (excertos 1 e 2) são transformadas em orientação para a terceira (excerto 3). Se a violência policial

é o que “provoca” a adesão de José ao tráfico, então os movimentos de salvar a família e o apagamento de uma predisposição natural ao crime constroem um estado inicial e durativo para o protagonista, que só a partir de um evento específico localizado num passado pontual tem sua vida transformada, a exemplo do que Mishler (2002) denominou “ponto de virada”. No estado inicial do personagem-narrador, tanto a família quanto ele próprio são avaliados positivamente e posicionados de maneira contrastante ao universo desviante; sob uma “luz favorável”, nos termos de Goffman (1959). A expressão avaliativa “e aí foi surgindo José” (linhas 25-6) é emblemática da sua emergência desse contexto favorável.

Nesse sentido, o ordenamento em si da narrativa pode ser visto como um recurso de avaliação cuja implicatura é a ausência de responsabilidade de José sobre sua condição desviante. Será o “sistema”, a polícia, as discriminações, isto é, um elemento externo o condicionante dos rumos da história de vida do interno.

A figura 1 mostra como três narrativas diferentes, identificadas por sumários e sub-pontos próprios, se articulam na formação de uma narrativa maior – a narrativa de adesão ao tráfico. A representação espacial mostra, ainda, como as duas primeiras narrativas (excerto 1 e 2) compõem a orientação para a terceira (excerto 3), a qual, por sua vez, retoma o ponto geral presente no início da fala de José.

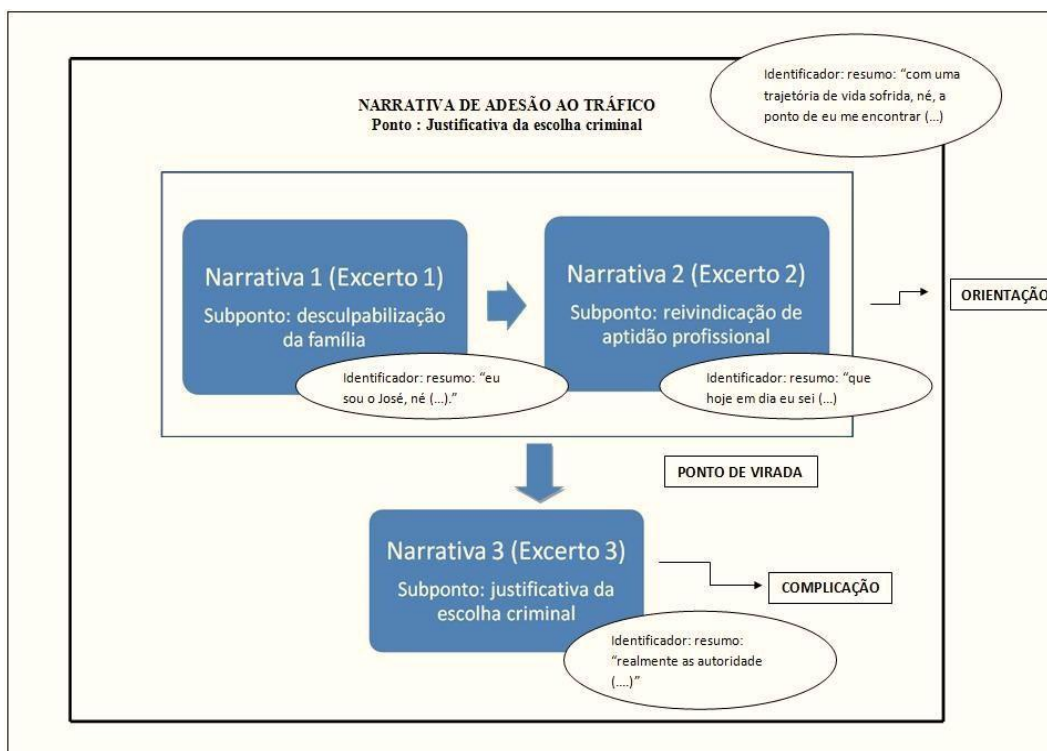


Figura 1: Narrativa de adesão ao tráfico

Uma outra observação que se pode fazer a partir da leitura do diagrama é sobre a maneira como os pontos foram hierarquizados (Bastos, 1995). Pode-se dizer que um ponto central, o da narrativa mais macro, está conjugado ao ponto da segunda narrativa (excerto 2), e é depois retomado pela terceira (excerto 3). De acordo com Bastos, o ponto é negociado conjuntamente no curso da interação. Na narrativa de José, podem-se perceber dois momentos de negociação implícita: o já mencionado início da interação, em que peço uma história de vida e José escolhe contar sobre seu momento de adesão ao tráfico; e o momento em que se dá a digressão no fluxo de tópicos narrados (linhas 44-45): quando histórias sobre família e habilidades artísticas começam a ser alinhavadas, rapidamente o entrevistado percebe que precisa retornar ao ponto central. O subitem 7.3 voltará a essa questão.

Por ora, a algumas considerações teóricas ainda podem ser feitas sobre o modo como José recapitula sua experiência. Segundo Linde, a sequencialidade e atribuição de redes de causalidades nas histórias são aspectos que costuram a coerência narrativa, e comumente estão sustentados por discursos que reproduzem expectativas do senso-comum ou por derivações de versões populares de teorias

especializadas, como, no caso dos dados analisados pela autora, a psicanálise, a astrologia ou o behaviorismo.

De modo semelhante, para Bruner, os significados atribuídos às experiências humanas são públicos e construídos intersubjetivamente, a partir de sistemas interpretativos culturais baseados em modelos cognitivos ou esquemas de conhecimento (crenças, desejos, etc), compartilhados no senso-comum.

A narrativa de José parece sustentada, como já se disse, por algo dessa natureza, a saber, a ideia segundo a qual o desvio é consequência do assujeitamento a um conjunto de determinações sociais, como pobreza e discriminação de classe, e consiste numa versão simplificada da tese macrossociológica da criminalização da pobreza, conforme descrita no capítulo 2 desta tese.

Uma ideia, decorrente desta primeira, extraída de Bruner (1990) e especialmente importante para esta análise, é que narrativas são desnecessárias quando as coisas são como deveriam ser. Elas são construídas quando há violação de cânones compartilhados. José parece estar consciente do caráter extraordinário da sua adesão ao tráfico, e sua história parece consistir numa montagem de um mundo possível, onde a excepcionalidade ou o extraordinário torna-se verossímil; a função da história é achar um estado intencional que ao menos torne compreensível um desvio do padrão cultural.

Essa conformidade por vezes implica reconhecer na sequência dos eventos uma temporalidade narrativa diferente do pressuposto mimético de que o tempo seja uma sequência factual de instantes lineares. Conforme se verá na continuação de sua história, o episódio da violência policial é um marco temporal a partir do qual sua trajetória “sofre” uma guinada (ponto de virada). Essa é a causa atribuída por José ao “abandono de tudo” (linhas 74-5). Trata-se de uma construção, segundo Mishler (2002), produzida a partir de um “sentido de final”, ou de um olhar retrospectivo: a história toda é construída a partir da perspectiva do presente da enunciação, governado pela forma como sabidamente a história termina. A coerência da história está na concordância entre o seu início, meio e fim: “temos de saber como a história termina para então saber como eventos anteriores funcionam como início e meio” (idem: 104), ou seja, como esse início e meio geram um final que faz sentido para os padrões culturais e para o contexto de produção da história.

7.1.2 Mitigação da Agência

A partir da quebra do fluxo de tópicos (com quebra de enquadre), que introduz a terceira narrativa, e do processo consequente de vitimização de José, torna-se proeminente a alternância entre construções agentivas e passivas que indiciam os alinhamentos do *self* na narrativa. Aquele narrador-personagem, antes capaz e ativo em relação aos objetos e ações do passado durativo das duas narrativas com função orientativa, subitamente desaparece das posições de sujeito ou de agente nas orações narrativas de passado pontual da ação complicadora (a violência policial).

A tabela 1 evidencia essa transformação, que passo a chamar de “mitigação da agência”, a exemplo de Duranti (2004).

TABELA 2: AGÊNCIA AMENIZADA

ORIENTAÇÃO	COMPLICAÇÃO
José estudou, estudou, estudou	A vida infelizmente me reservou isso daqui
Fez primeiro grau completo	As autoridades veio a me transformar nisso
Eu sei que sou capaz de desenhar	Foi quando sofri a minha primeira violência policial
Sou artista plástico	Fiquei mal visto por eles
Até fiz aquele lá	Aí eles me transformaram nisso
Qualquer tamanho eu jogo	Daí pra lá interromperam a minha vida
Por ser uma pessoa por falar o que eu penso	A covardia que um ser humano pode vir a cometer comigo
Eu era tranquilo	Até o ponto de eu ter que mudar de vida

Nesse pequeno apanhado de orações em que o narrador fala de si, percebe-se uma modificação no modo como ele codifica sintaticamente a si mesmo. As falas mais agentivas (coluna 1) se referem a qualidades e dados da história familiar que aparecem na orientação (as duas primeiras narrativas), enquanto as mais passivas, ou aquelas em que José aparece sintaticamente objetificado (coluna 2), dizem respeito ao resultado da ação complicadora (ou terceira narrativa).

Conforme lembrado por Duranti (2004), escolher entre as diversas formas de codificação ou mitigação de agência disponibilizadas pela língua tem implicações semânticas na relação que se estabelece entre o evento e a entidade

que o causa. No caso da transformação no modo de se codificar agência na terceira narrativa de José, trata-se de uma estratégia de modalização da responsabilidade sobre a ação desviante, atribuindo-a a outrem e salvando, em consequência disso, a sua própria face do extraordinário do desvio e da desordem interacional que a confissão supostamente instauraria.

Conforme já ressaltado no capítulo 2, um dos únicos trabalhos sobre narrativas de indivíduos apenados em instituições prisionais de que se tem notícia é o de O'Connor (2008). Na análise das entrevistas que realizou em uma cadeia de segurança máxima norte-americana, a autora constata que pelo menos dois espaços de referenciação são trazidos à tona alternadamente: o da ação criminal, em que o interno se constrói como um sujeito passivo, conduzido por “forças estranhas”, e o da própria entrevista, situação em que o narrador se posiciona num presente reflexivo sobre a ação criminal, assumindo responsabilidades e buscando explicações para as mesmas. Nos dados aqui analisados, os achados são qualitativamente distintos dos de O'Connor. Os internos, até porque se originam de um tipo de crime coletivo e que institui uma nova forma de trabalho – o tráfico difere nesse sentido do estupro ou do assassinato, crimes relatados no estudo da autora – tendem a responsabilizar, não as “forças ocultas” que conduzem instintos criminais, mas o “sistema”, o “governo” e a criminalização da pobreza²². Tal culpabilização “externa” aparece não só quando o espaço de referenciação é o passado – até porque não há passado, o sujeito é do tráfico antes, durante e após a passagem pela cadeia –, mas também a partir de justificativas (*accounts*) que reiteram a tese implícita à sequencialização da narrativa, como se verá na próxima seção. Na narrativa de José, e de acordo com o sistema de coerência que a costura, a ausência da agentividade não é sinônimo de alienação, mas, conforme já dito, de um assujeitamento consciente a um conjunto de determinações sociais; seu discurso atualiza uma tese implícita sobre ação social que a concebe produzida pela lógica ou leis históricas – nem controladas nem entendidas pelos atores. É nesse sentido que um exame do modo como a agência é codificada pode ser útil

²² A primeira parte do título do trabalho de O'Connor traz uma fala reportada extraída do corpus da autora que, se traduzido para o português, seria algo equivalente a “eu não sei o que me fez fazer isso”. Propositamente, o título do presente projeto também traz uma fala reportada de José, “Foi assim que as autoridades veio a me transformar nisso”, para marcar a diferença qualitativa entre os achados dos dois trabalhos.

na explicitação dos sistemas de coerência ou formações ideológicas que estão na base das construções discursivas.

O *self* mais passivo presente na coluna 2 não deixa, no entanto, de construir-se sob a luz favorável de que fala Goffman. Nessas ocasiões, o desviante se retrata não como alguém que “escolheu” o crime, mas como alguém que foi rotulado e seguiu, porque obrigado a isso, a rota típica daqueles que assim o são. Se não há escolha ou responsabilidade, é um fator externo é o que causa deterministicamente a virada para o crime por parte de um indivíduo cuja história e características pessoais (presentes na agentividade da coluna 1) permitiriam uma outra direção. Nesse sentido, reforça-se o argumento de que a orientação macrosociológica funciona como sistema de coerência que amarra a causalidade e a sequencialidade da narrativa, conformando a ação criminal a um sistema ético socialmente aceito e prestigiado. Aliado à continuidade estabelecida entre os episódios, tem-se também na mitigação da agência um movimento de autoavaliação, em que o narrador está negociando e legitimando pertencimentos a categorias sociais.

7.1.3 Agenda da Entrevista

O último movimento desta análise que importa à construção da narrativa de adesão ao tráfico de José diz respeito à situacionalidade e dialogicidade do discurso em tela. Conforme se procurou explicitar no capítulo 6, a sequencialidade e causalidade não estão a serviço apenas das expectativas culturais de ordem mais macro, mas também às demandas situadas do contexto interacional em que a narrativa foi construída, ou seja, das definições de enquadre negociadas no encontro social em que as narrativas emergiram.

Cabe lembrar a respeito desse ponto, consoante Goffman (1988), que especialmente em contatos mistos, nos seus termos, entre estigmatizados e não-estigmatizados, os primeiros tendem a regular os conflitos potenciais da situação face-a-face, a partir de técnicas de controle da informação, que consistem em manipulações do atributo desviante de modo a encobri-lo ou amenizá-lo.

Soma-se a isso o fato de esta entrevista ser parte de uma investigação do campo da pesquisa social e de os entrevistadores serem identificados como

membros dessa comunidade de prática (*interlocutores informados*, ainda nos termos de Goffman) – comunidade essa com quem José, enquanto representante de uma das facções criminosas mais tradicionais do país, está familiarizado. As práticas discursivas compartilhadas e tornadas relevantes por esse contexto certamente direcionam alguns dos caminhos escolhidos na entrevista; orientando os participantes do evento.

Também Linde (1993) afirma que uma das demandas para formulação das histórias de vida é oferecer suporte – ou não desafiar - a história de vida do interlocutor. Se, por seus papéis instanciados nos contextos institucionais dos quais José tem conhecimento, o entrevistador projeta imagens condizentes com o discurso acadêmico crítico do sistema prisional, é natural que José esforce-se em não violar tais expectativas na elaboração de sua narrativa.

Chama atenção, nas entrevistas como um todo, o modo como os entrevistadores, informados, sabidamente advindos das ciências sociais, fomentam uma espécie de “agenda do entrevistado”. Esse movimento tem uma função essencial nesta entrevista e se repete frequentemente com os demais dados da pesquisa. Já se analisaram, no capítulo 5, as “quebras de enquadre” que reorientam a estrutura de participação. Na já mencionada ruptura na linha 44 que introduz o resumo para a última narrativa, José deliberadamente abandona o tópico sobre sua aptidão com trabalhos manuais para retomar o ponto da adesão e desenvolver qual seria a razão essencial de seu envolvimento com o tráfico, animando o discurso especializado sobre criminalização da pobreza. Esse artifício funciona como uma munição importante e parece ser conscientemente usado em função da plateia também especializada. O uso do marcador “realmente” (qualquer tamanho eu jogo e... realmente as autoridade veio a me transformar nisso) introduz uma avaliação solidária e reforça a existência de um acordo tácito sobre essa agenda, me fazendo pensar que talvez haja um conteúdo que se tem de esgotar frente ao pesquisador. Esse conteúdo novamente diz respeito ao sistema de coerência macrosociológico supostamente tácito entre os interlocutores, e, embora implique mudanças abruptas no tópico e/ou nos alinhamentos sustentados, estão autorizados pelo contexto da interlocução. Em outro momento de sua entrevista, José volta a abandonar o tom pausado e a história de sua primeira passagem pela cadeia para construir uma longa exposição semelhante sobre políticas públicas (cf. anexo II).

É possível dizer, então, que a técnica de controle de informação usada por José não consiste em encobrimento, como é típico em interações mistas com indivíduos estigmatizados, mas justamente no reforço do sistema de coerência que compõe os esquemas que talvez José suponha pertencerem à pesquisa social. Quando se trabalha nessa relação de causa e efeito – ‘escolhi o tráfico porque o sistema é excludente’ – uma experiência degradante pode ser ressignificada como meritosa.

A “luz favorável”, nesse caso, é criada com base em uma ideia do que seja para o interlocutor uma atitude crítica positiva em face aos problemas sociais que alegadamente conduzem ao desvio.

7.2.

Outras histórias de adesão ao crime

A narrativa de José é certamente a mais canônica e consciente em relação a um padrão percebido em todas as histórias de adesão ao tráfico. Talvez porque, como liderança de seu grupo e último a ser entrevistado, o interno estivesse com uma pauta muito bem organizada que levava em conta tanto os propósitos da entrevista quanto seu papel de porta-voz do grupo. Mas em outras entrevistas, assim como no caso de José, também é clara a reportabilidade da adesão ao tráfico, patente nessa espécie de prestação de contas sobre a escolha criminal, na tentativa, conforme o que se defende neste trabalho, de tornar o crime compreensível a partir de sistemas de coerência que atribuem a episódios disruptivos o rumo que a vida tomou.

As subseções seguintes tomam o caminho de análise já esboçado para o caso de José, reforçando comparativamente os pontos comuns e particularizando, nas novas articulações narrativas, as relações de causalidade e sequencialidade, bem como os modos de neutralização do desvio e estratégias de apresentação identitária de dois outros narradores-personagens: Jorge e Lúcio.

7.2.1

Jorge: epifania e transgressão

Jorge, que deve ter entre 35 e 40 anos, era um dos mais calados “faxinas” na unidade prisional, e teve pouco acesso a sua história. O código de infração com que ele se apresentou em ocasiões anteriores à entrevista corresponde a assalto, mas sabe-se que a unidade Y (nome fictício) é uma unidade para onde vão os indivíduos de “cadeias altas”, isto é, aqueles que cumprirão muitos anos de encarceramento. O interno estava preso à instituição havia cinco anos. Sua entrevista foi a primeira a ser realizada quando da liberação do uso do gravador, e é a única realizada em grupo. Participaram na ocasião: Julio Giannini, o professor Marcelo, Sérgio, seu companheiro de cela e colega como “faxina” na escola e eu. A história de Jorge é contada através de várias narrativas que vão, aos poucos, reformulando e esclarecendo um ponto recorrente: o da adesão ao tráfico. O excerto abaixo recorta um fragmento da interação que em comparece uma história comum a muitas outras contadas ao longo das entrevistas: a entrada prematura no mercado de trabalho por parte de crianças que habitam as comunidades carentes e favelas do Rio de Janeiro. Como se verá, a precocidade dessa inserção acabará por configurar-se como a primeira etapa da chegada do interno ao tráfico. Assim como acontece na narrativa de José, analisada anteriormente, as *orientações* terão função proeminente para a constituição de um cenário interrompido por um episódio disruptivo, a quem Jorge delega a motivação dos novos rumos de sua história.

Represento abaixo os momentos que considero mais relevantes na construção narrativa de Jorge, buscando, em primeiro lugar, apenas sublinhar as relações de causalidade e sequencialidade evidentes e seu discurso. Em seguida, analiso os efeitos de sentido que parecem redundantes nos dados: a desculpabilização da família, o autoelogio e a amenização da agência, tentando novamente articulá-los à estratégia geral de neutralização do desvio.

7.2.1.1

Causalidades e sequencialidades construídas na trama narrativa

Início a entrevista – já apresentada para outros propósitos no capítulo 5 desta tese –, fazendo uma pergunta a Sérgio, o companheiro de Jorge nesta entrevista, e, até o momento recortado no excerto 1, o mais falante dos dois.

Quero saber como o interno ingressou, ainda muito jovem, no mundo o trabalho. Minha pergunta, que apenas tangenciava a questão da adesão o tráfico, estava consistente com a estratégia de proteção de face que marcou a maior parte das interações na unidade prisional, também tematizada no capítulo 5: não confrontar os internos com os símbolos típicos de sua identidade deteriorada (Goffman, 1981). A resposta de Sérgio, por sua vez, atende à agenda tácita da entrevista, e já se inicia com um quebra de enquadre: um breve relato biográfico rapidamente cede lugar a uma série de avaliações críticas expositivas e genéricas sobre o que leva uma criança pobre a entrar precocemente do mercado de trabalho. Então me dirijo a Jorge, solicitando também a sua história. Incluo, no excerto abaixo, as sequências anteriores à narrativa em foco, como forma de recuperar o contexto de emergência dessa história, que surge com função dupla contexto: se, em uma dimensão mais micro-interacional, Jorge constrói um ponto e enredo que reforçam aqueles já introduzidos por Sérgio, em outra dimensão, mais macro e relativa à construção de autoimagem, a história tem como pedra de toque o ponto implícito da neutralização do desvio.

EXCERTO 1: “NÃO, EU TENHO QUE AJUDAR MINHA MÃE”

- 76 **Liana** você começou a trabalhar em quê?
 77 **Sérgio** a: eu comecei comecei a trabalhar em obra. () carregava
 78 (saco de) de concreto. pra poder ajudar a família. Então
 79 o que acontece? então isso tudo >pra você ver< uma
 80 criança com oito anos de idade () o lugar dele
 81 deveria de ser aonde? °no colégio° se tivesse pagando
 82 salário digno pra pra nossos pais=
 83 **Liana** =pros pais não precisarem que a criança ajude [()]
 84 **Sérgio** [e as
 85 criança é aonde eu tô falando que que: se ele ele
 86 olhasse mais por esse lado aí (aonde que as criança
 87 seja como?)
 88 **Liana** foi alguém da tua família que te levou pra: [pra
 89 trabalhar?
 90 **Sérgio** [°na:o.°
 91 **Sérgio** não não [foi não, foi força de vontade minha mermo eu
 92 via: o sofrimento da própria família mermo.
 93 **Liana** [na obra
 94 **Julio** ()
 95 **Liana** cedo, né? com oito [anos você ter essa consciência de
 96 que ()=
 97 **Sérgio** [cedo é cedo cedo]
 98 **Sérgio** = e olha eu não me arrependo não, não me arrependi
 99 não. arrependi não. ajudei pra pra caramba a minha família
 100 °()°
 101 **Liana** e você?
 102 **Jorge** é igual o: irmão tava falando aqui. eu:: ... é sabe que se
 103 a gente for procurar é: se justificar a gente num
 104 vai conseguir né? devido que: num quero me justificar:

105 do erro né, que é um erro a sociedade é um erro né o
 106 que a gente fez. sendo que:: a minha visão dentro
 107 da comunidade no caso, no meu caso, foi o quê? ... na
 108 minha visão foi a: falta de de: de administração do
 109 próprio governo mermo que acontece hoje em dia mermo,
 110 dentro das comunidade mermo, tá entendendo? de:
 111 administrar aquele povo que tá ali: eles não da ca- não
 112 dão o valor devido que eles têm que dá. Como assim no- no
 113 po- é pelo lado do poder econômico. que acontece? quê
 114 que me levou, desde novinho eu comecei trabalhar novo
 115 também na obra, igual a ele ... dentro da
 116 comunidade o trabalho primeiro que acontece é obra. ()
 117 poder fazer obra, carreto na feira, aqueles negócio
 118 todinho que têm na comunidade na favela mermo
 119 ...tá entendendo? então a dificuldade da família ...
 120 tá entendendo? pra poder sustentar aquilo a gente
 121 crescendo vendo aquilo ali >meu caso foi esse<
 122 crescendo vendo aquilo ali minha mãe, meu pai ...
 123 sempre honesto trabalhando ali então aquilo veio
 124 atingindo, veio me atingindo, estudando gostava
 125 estudar,entendeu? sendo que chegou uma hora que eu: não
 126 sei se eu tava com doze ano ou treze ano eu falei "não,
 127 eu tenho que ajudar minha mãe, tenho que ajudar meu
 128 pai," comecei a trabalha, trabalha, aí fiquei trabalhando
 129 por um período ainda=

Embora não seja de Sérgio a fala focalizada nesta seção, é necessário notar, conforme dito acima, que uma das funções interacionais mais imediatas da narrativa de Jorge é reforçar um ponto já introduzido por seu companheiro. Sérgio inicia sua resposta à minha questão apresentando-se em meio a uma história de luta pela sobrevivência, de que emerge um *self* batalhador, que, precocemente consciente das condições adversas em que vive sua família, inicia aos oito anos sua vida profissional. Dois elementos se destacam em sua fala inicial, recorrentes em relação à análise da narrativa de José (cf. seção 7.1): primeiramente, o modo como ele enfatiza sua pouca idade ("então isso tudo >pra você ver< uma criança com oito anos de idade", linhas 79-80) para depois fazer uma avaliação crítica que culpabiliza o governo ("o lugar dele deveria de ser aonde? °no colégio° se tivesse pagando um salário digno pra pra nossos pais" - linhas 81-3); depois disso, o modo como ele salva a família da ameaça da minha pergunta (linhas 88-92), assumindo a responsabilidade e a iniciativa sobre o ingresso no trabalho, já que o contrário poderia ser compreendido como negligência de seus parentes:

Liana foi alguém da tua família que te levou pra:
 [pra trabalhar?
Sérgio [°na:o.°

Sérgio não não [foi não, foi força de vontade minha mermo eu via: o sofrimento da própria família mermo.

Nesse contexto, em que, curiosamente, as mesmas categorias exploradas no discurso de José comparecem sem que tenham sido explicitamente convocadas – o que reforça a tese de que seja uma demanda da interação mista justificar ou neutralizar desvio –, a fala é concedida a Jorge, que segue, por seu turno, os mesmos espaços discursivos da pobreza e do trabalho infantil, avaliando e narrativizando os tópicos introduzidos por seu colega.

A primeira avaliação que Jorge faz da fala de seu colega aparece sob a forma de um preâmbulo que resume o conteúdo do que virá a seguir: ele se alinha com a história contada por Sérgio, a quem chama de irmão (linha 102)²³. Antecipando um desfecho típico para a história do colega, Jorge, através de uma explicação (Linde, 1993)²⁴, deixa implícito que o trabalho precoce levou a ambos a procurar o caminho do tráfico, em suas palavras, o “erro” (linha 105), costurando uma primeira associação entre aquele, o trabalho precoce e a incompetência do poder público (“no meu caso, foi o quê? ... na minha visão foi a: falta de de: de administração do próprio governo mermo que acontece hoje em dia mermo, dentro das comunidade mermo” – linhas 107-110). Com esse movimento associativo, “o fator disruptivo”, que se argumentou até aqui ser o elemento central das narrativas de adesão, aparece embrionariamente anunciado. A partir desse preâmbulo, Jorge cria uma expectativa dramática em sua fala, e toda a narrativa que se segue aparecerá enquadrada nessa pré-avaliação externa que comenta o ponto e guia a interpretação do que vem a seguir.

O sumário, conforme elaborado por Jorge, também parece ter função semelhante, já que não só encapsula o ponto da história mais restritamente

²³ No vernáculo da facção criminosa, “irmãos” são os colegas que compartilham funções do lado de fora, ou a cela, no contexto prisional.

²⁴ A fala de Jorge frequentemente alterna sequências narrativas com *explicações*, segundo Linde (1993), definidas como segmentos de fala não-narrativos usados para fundamentar determinados pontos de vista. Mais especificamente, as explicações alternadas de Jorge, e também de Sérgio, são apreciações críticas sobre as políticas governamentais que os atingem. Já argumentei, no capítulo 5, sobre o tanto de trabalho de face que há nessa estratégia discursiva, que é também uma quebra do enquadre que permeia o discurso narrativo biográfico e reservo a análise do conteúdo das críticas ali presentes ao capítulo 8.

delimitada – a da entrada de Jorge para o trabalho –, mas também fornece uma apreciação avaliativa, presente na escolha sintática de apassivação do sujeito (“que acontece? quê que me levou↓” – linhas 113-4), autorizando a interpretação segundo a qual também neste caso, além de José, pode-se estar diante de um discurso marcado pela amenização estratégica da agência da escolha criminal.

Em seguida, as orientações da narrativa são elaboradas com a função peculiar de construir um quadro para a história que saliente os roteiros típicos da vida na favela. E isso se dá em dois momentos: no primeiro deles, José brevemente se constrói como favelado – que compartilha com seus pares os destinos prováveis das crianças da comunidade (“quê que me levou↓ desde novinho eu comecei trabalhar novo também na obra, igual a ele... dentro da comunidade o trabalho primeiro que acontece é obra” – linhas 114-6), e com isso identifica por implicação o tempo, o lugar, as pessoas e a situação que compõem o cenário do episódio narrado. Após esclarecer o papel do trabalho na obra, porta de entrada das crianças faveladas no mundo convencional do trabalho, muitas orações no gerúndio (a gente crescendo vendo aquilo ali crescendo vendo aquilo ali minha mãe↑ meu pai↑ ... sempre honesto trabalhando ali – linhas 120-2) fornecem desta vez também um quadro de recorrência, típico agora para as famílias pobres. Jorge trabalha com clichês e com disjunção – patente na oposição implícita entre ‘isto’ (a situação de Jorge) e “aquilo” (linha 121) –, importantes para sustentar o ponto ainda emergente de sua adesão: a situação é tão “aquela”, que ou se segue o padrão do trabalhador explorado e humilhado, ou se parte para a alternativa desviante (“então aquilo veio me atingindo↑ veio me atingindo↓” – linhas 123-4).

E assim se chega ao momento de maior tensão desta pequena narrativa, localizado no tempo, cuja dramaticidade é construída pela repetição intensificadora (“me atingindo↑ veio me atingindo↓” (...)) “comecei a trabalha↑trabalha”) e pela fala relatada de sua própria voz em solilóquio (eu falei “não, eu tenho que ajudar minha mãe↑ tenho que ajudar meu pai↓” – linhas 126-8). A sequência das

duas ações narradas, em construção paralelística – ter pensado que precisava ajudar a família e ter começado a trabalhar – leva a crer que o pensamento antecedeu e motivou a ação, revelando a imbricação sequencialidade/causalidade com base em um processo mental. Este ponto é fundamental para a argumentação que esta análise segue. Uma relação causal entre um pensamento ou uma tomada de consciência sobre sua condição e a entrada para o tráfico marcará todo o discurso de Jorge, isto é, com diferentes graus de clareza e intensificação, ele perseguirá, por meio de reformulações dessa primeira narrativa “matriz”, uma forma de elaborar sua história de maneira que o ponto de virada seja uma revelação epifânica. Os excertos seguintes, recortados das sequências subsequentes da mesma interação, contribuirão para o desenvolvimento dessa ideia.

Algumas observações podem ser feitas sobre essa primeira etapa da história de Jorge, em comparação a considerações já tecidas por ocasião da análise da narrativa de José:

- i) No excerto 1, Jorge inicia um longo percurso narrativo que o está construindo como um sujeito crítico, como alguém que percebe as injustiças e é atingido por elas; como quem sabe que tem uma família pobre e honesta a quem precisa ‘ajudar’ (linha 127). Tal criticidade acurada, materializada até aqui no pensamento relatado que o fez começar a trabalhar, será, simultaneamente, a luz favorável sob a qual o narrador se constrói e também o fator disruptivo da história que o levará ao universo do crime.
- ii) As duas já mencionadas etapas de orientação para o episódio narrado acabam por sublinhar dois movimentos narrativos familiares à presente tese. Ao mesmo tempo em que Jorge, em um movimento de *auto-elogio*, se constrói como trabalhador, ele *salva a sua família*, construindo seus membros a partir dos mesmos valores positivos do trabalho duro e da honestidade.

Embora o preâmbulo explicativo da história, em que José usa a expressão “não quero meu justificar do erro”, dê margem a uma certa indecisão sobre o ponto da história, num plano mais imediato, a julgar pela análise das orações narrativas, o entrevistado está atribuindo ao trabalho infantil, às dificuldades da família e à sua conscientização sobre isso a causa para a entrada genérica e prematura das crianças *no*

mercado de trabalho (e não no tráfico). Essa é a função da primeira narrativa de Jorge no contexto mais amplo da entrevista. De fato, a primeira relação mais explícita entre esse episódio e a adesão ao tráfico acontece no excerto seguinte, que dá continuidade a sua história de vida.

EXCERTO 2: “A MENTE JÁ COMEÇOU A PESAR”

- 130 **Liana** =na construção.
 131 **Jorge** é: a construção civil na o:bra. assim obra que o
 132 pedreiro da comunidade pega, ali a empreitada e faz. e
 133 aí chamava a gente... chamava nós ali. então o quê
 134 acontece? dali que eu comecei a:: a sair mais,
 135 comecei a conhecer: ali veio veio a maior necessidade
 136 que tinha dentro de casa e aí eu já comecei, tá
 137 entendendo? a mente já começou a: pesar, tá entendendo
 138 ? a dificuldade dentro de ca:sa, então começou a eu me
 139 levou a: gerar a gente ir por alguns caminho,
 140 tá entendendo? ... não que:: a gente quer se- eu não
 141 quero me justificar do erro, [mas foi uma forma
 que eu [achei
 142 **Liana** [eu sei [mas foi necessidade, né?
 143 no seu caso?=
 144 **Jorge** =é pode dizer que foi uma necessidade, tá entendendo?
 145 pegar e:: andar pelo aquele caminho ali.

Após uma breve orientação (linhas 130-2) continuativa em relação à do excerto 1, Jorge prossegue em um caminho que ainda difusamente tenta correlacionar seu primeiro emprego à adesão criminal. Embora ainda não esteja claramente formulado o modo como a dificuldade familiar e o início do trabalho aparecem equacionados com a entrada para o crime, ao que parece, começar a trabalhar fez com que Jorge saísse de seu pequeno universo e começasse a construir outras redes de possibilidades que o levaram até o tráfico. Duas pistas encaminham essa conclusão. Em primeiro lugar, as palavras elipsadas, que se explicam pela dificuldade em se nomear o conteúdo ameaçador das faces dos presentes (cf. capítulo 5), presentificam a carreira criminal no relato: então o quê que acontece? dali que eu comecei a:: a sair mais, comecei a conhecer. (linhas 134-5). Em segundo lugar, uma sobreposição temporal e causal comparece, a partir do uso do “e aí” ligando as duas principais orações: ali veio a maior necessidade que tinha dentro de casa e aí eu já comecei, tá entendendo? (linhas 135-6).

O mais importante aqui, no entanto, é a introdução mais definitiva de um elemento intermediário na equação. Entre o trabalho precoce e a entrada para o tráfico, e irrigado pela percepção da dificuldade familiar, está a fala sobre um processo

cognitivo, o mesmo já antecipado no excerto 1: “a mente começou a pesar” (linha 137). Como se verá, no desenvolvimento da história, esse processo de pensar sobre sua condição é marcado sintaticamente – a partir do conectivo “então” –, e prevalece na construção das causas da adesão: “então começou a eu me levou a: gerar a gente ir por alguns caminho” – linha 138. Nesse momento, o repetido marcador discursivo (“tá entendendo” - linhas 140; 142) marca a dificuldade e uma certa angústia por parte do narrador para formular essa relação.

Após estabelecer uma relação triangular entre os três elementos, uma avaliação externa vem sob forma de explicação, e também funciona como coda para a história: “não que:: a gente quer se- eu não quero me justificar do erro, mas foi uma forma que eu achei” (linhas 140-2). Quando José diz que não quer se justificar do erro, o texto implícito parece ser ‘essa causa pode não parecer suficiente, de acordo com os padrões de normalidade – já que nem todos que passam pelo que eu passei entram para o crime –, mas esteve legitimamente na base da minha escolha’. Para Linde (1993), a avaliação é não só o espaço em que se alinhava a razão de ser da história, mas também a parte da narrativa que fornece pistas sobre como ela deve ser compreendida; sobre os valores morais atribuídos ao evento narrado e também aos seus componentes. Nesse sentido, Jorge parece estar consciente de estar alinhavando uma justificativa para sua escolha criminal, e também do caráter ainda pouco convincente e moralmente dúbio desta.

Poucos minutos após a sequência representada no excerto 2, após perguntar explicitamente aos dois entrevistados se houve algum momento de reflexão em que eles estiveram na dúvida sobre o caminho que escolheram, Jorge toma o turno e elabora uma justificativa para entrada no tráfico, em que a dubiedade moral mencionada acima cede lugar a uma explicação mais sensível aos padrões discursivos e expectativas do contexto.

EXCERTO 3: “ALIMENTANDO MIL E UM PENSAMENTOS”

185	Jorge	pra mim te:ve pra mim teve:: é o que eu falei↓
186		tá entendendo? a minhã visão era:: revolta tá entendendo
187		? era a desigualda:de ali. desigualdade- sabendo que:
188		Que vai terminar isso não vai ser hoje não vai ser
189		amanhã que isso vai terminar: certo? sendo que nós
190		temo que procurar o quê↑ o lado cer:to. por mais
191		que: pessoas deixem de fazer sua arte () não
192		pode procurar se espelhar sendo que: aquela falta
193		de maturidade também, ao menos comigo foi a falta
194		de maturida:de aí <u>vim</u>

195 alimentando aqueles sentimento alimentando: mil e
 196 um pensamento tá entendendo? ... sendo que ho:je a
 197 mente: já: entendeu? já passou essas fa:ses já amadureci
 198 já peguei uma visão além: tá entendendo? até do mundo
 199 que nós vi:vê ...
 200 **Liana** hum

No excerto 3, Jorge narra apenas seus processos mentais. Afirma pela primeira vez sua insatisfação com o trabalho regular, e afirma que sua insatisfação convertia-se em “revolta” (linha 186) contra as “desigualdades” (linha 187). A partir da linha 193, seus próprios sentimentos aparecem personificados e surge a ideia de que algo “alimentava” e assombrava seus pensamentos; uma coisa que invadia sua “mente”. Ao fazer isso, dá vida a um processo interno, que passa a ser compreendido como um “acontecimento” disruptivo de sua história, tal como foi a violência policial sofrida por José. O clímax da narrativa está, novamente, projetado em um pensamento que Jorge teve, e não em algo que ele fez ou sofreu: aí vim alimentando aqueles sentimento alimentando: mil e um pensamento tá entendendo? (linhas 193-5).

Até que uma intervenção do professor Marcelo, que parece perceber a dificuldade do entrevistado em alinhar esses “acontecimentos mentais” ao ‘ponto’ de suas narrativas de adesão, força Jorge a reorganizar o fluxo difuso dos eventos, e reforçar o aspecto cognitivo/epifânico em que, conforme argumento, sua entrada para o crime está embasada. Marcelo fornece o suporte para essa narrativa e encaminha o esclarecimento que Jorge já procurava vagamente.

EXCERTO 4: O MOMENTO EPIFÂNICO

216 **Marcelo** eu tô eu- eu não queria [participar mas tudo bem eu to
 217 me coçando com uma pergunta aqui que vocês falaram é::
 218 dessa questão do da- da- da- da- desigualda:de ... né:
 219 tanto do esta:do quanto do empresário que não faz e
 220 tudo mais! vocês dois perceberam isso muito no:vo
 221 no:vos é é:: dessa dificuldades, mas procura:ram
 222 trabalho e acabaram na revolta (). vocês lembram
 223 qual foi o que assim- qual foi assim qual- qual é a
 224 lembrança mais antiga que vocês têm de
 225 perceberem a desigualdade ... a ponto de- de- de
 226 revoltar mermo, é: seja pelo esta:do, seja pelo-
 227 pelo- é enfim, qual é qual é a lembrança mais antiga
 228 você você viveu, pô=
 229 **Liana** [não, fala
 230 **Liana** =que você viu com os seus pais=
 231 **Marcelo** = é: é: é alguma coisa que você viveu ou diretamente
 232 (ou envolvendo) né: seus familiares >de modo que
 233 você (pensou) assim “pô o mundo é desigual mermo!
 234 ... é como você falou, a comunidade é sempre

235 vista como:local de bandi:do, qual foi o momen:to em
 236 que você ... percebeu que aquilo que vocês eram
 237 vistos como como: não presta porque é da comunida:de,
 238 ou qual foi o lance que vocês viram que era é::
 239 desigual mermo é: é covar:de mermo a socieda:de
 240 consegue lembrar assim qual foi o momento assim-
 241 ou ou:talvez não o último mas um;momento anti:GO
 242 mas marcan:te assim
 243 (5.0) ((vozes muito baixas))
 244 **Marcelo** essa pergunta foi muito [larga:da né?
 245 **Jorge** [é: foi além: a gente tem que
 246 analisar mermo porque foi: foi vários ponto né, foi
 247 vários ponto. sendo que: ... num sei se eu vou
 248 responder certo o que:: o senhor tá querendo saber,
 249 sendo que: o que acontece? ... o que me marcou, foi o
 250 que:: foi eu ver foi eu ver né? o meu pai minha
 251 trabalhando. meu pai minha mãe trabalhando... e não
 252 tendo o devido valor tá entendendo? pessoa honesta
 253 trabalhando fazendo por onde, corre:ta. tá me
 254 entendendo? muitas vez sofrendo certas covardia. e eu
 255 não via- uma vez eu saindo pra poder trabalhar-
 256 trabalhava na barra num condomínio ... cheguei a
 257 arrumar um serviço de carteira assinada lá num
 258 condomínio na ba:rra. acho que eu tinha treze ano
 259 foi o primeiro serviço de carteira assinada.
 260 treze ano na barra da tijuca lá num condomínio até
 261 de: jardi jardineiro. catorze ano acho que eu tinha.
 262 treze catorze ano, ... sendo que nessa época eu já
 263 tinha uma infruência. já tava já: () dividi:do,=
 264

265 **Liana** =huhum=
 266 **Jorge** =o trabalho e a:: é:: >(como é que eu digo)<a bandeja,
 267 né? bandeja gran:de. já vindo na minha mão já
 268 certas coisas. então ali um certo dia ali eu indo pra
 269 lá de ônibus pra barra da tijuca ali: ... tá
 270 entendendo? começou vim esses pensamento. não sei
 271 se é isso que tô não sei se eu tô (aqui)
 272 [respondendo o que que o senhor quer saber ali.
 273 começou vim esses pensamento ... ta entendendo? é: ...
 274 de que ... os governante- eu lembro que nessa época
 275 ... tava acontecendo muita coi:sa não se:: não
 276 lembro direito o nome de de:: de:: das autorida:des,
 277 tá entendendo? do esta:do. sei que tava acontecendo
 278 muita coisa erra:da então aquilo dali: veio veio
 279 embolando a men:te aonde que ajudou tá entendendo?
 280 um () comigo me influenciou mais ain:da "ah eles
 281 tão fazendo também ... eles tão fazendo lá:: os
 282 filho deles tão tendo tуди:nho, eles tão roubando
 283 fazendo- acontece nada com eles, não vai sê eu que
 284 vou ser o certinho ... não vai sê eu que vou ser o
 285 certinho, entendeu? ... aonde que eu mermo mergulhei.
 286 eu mergulhei.

Em resposta ao questionamento de Marcelo, cuja formulação parece de fato contribuir para os novos rumos da narrativa, Jorge inicia sua fala desenvolvendo um sumário que, pela primeira vez, faz referência ao momento epifânico alegadamente vivenciado por ele. Agora, a justificativa para o que virá a ser sua

história de adesão ao crime parece nítida para o narrador. O verbo “ver” está na base de uma metáfora que equaciona sua percepção crítica a uma revelação: coisas até então nebulosas são agora enxergadas pelo narrador (o que me marcou, foi o que:: foi eu ver, foi eu ver né? – linhas 249-250)

Após isso, em uma estrutura narrativa que alterna pares de orientação e ação, Jorge constrói, de forma um pouco mais complexa, o cenário justificado para o dia em que o episódio epifânico se deu. Vários serão os feixes que comporão esse quadro:

- o caráter honesto e trabalhador dos pais (linhas 250-4);
- o seu próprio caráter honesto e trabalhador (linhas 255-7);
- a sua pouca idade (linhas 258; 262)
- a oferta por parte dos integrantes mais experientes do tráfico (linhas 266-7)

E então, estando devidamente composta a tensão entre a *injustiça* e a *oportunidade* alternativa iminente, emerge a primeira ação narrativa (começou vim esses pensamento – linha 270), acompanhada de uma avaliação curiosa, que marca indiretamente o ponto da história: como já se disse, Jorge parece ter entendido a demanda de Marcelo pelo ponto da narrativa, e explicitamente indica que momento de sua revelação epifânica é justamente o que fará sua história fazer sentido no contexto: não sei se é isso que tô não sei se eu tô (aqui) respondendo o que que o senhor quer saber ali (linhas 270-2).

E então, através de nova orientação, complementar àquelas já anteriormente construídas, Jorge tenta nos convencer de que não foi à toa que os tais pensamentos surgiram, e acrescenta um novo elemento a esse cenário: à época, estávamos diante algum desses escândalos políticos midiáticos que geram comoção popular (linhas 274-5). Nesse cenário complexificado (*meus pais são explorados + eu sou forçado pelas circunstâncias a trabalhar precocemente + o poder público é desonesto*), o narrador chega ao clímax e ao desfecho de sua história, a partir de uma associação causal, agora adequadamente justificada e marcada sintaticamente, entre seus pensamentos e a adesão ao crime: “veio embolando a mente, aonde que ajudou” (linha 279). A mesma marcação é repetida na coda, por meio do uso não-padrão do conectivo “aonde”:

não vai sê eu que vou sê o certinho entendeu? ... aonde que eu mermo mergulhei. eu mergulhei (linhas 284-6). Comparando-se com os governantes, agentes formuladores dos limites entre o certo e errado, o interno se sente autorizado a adentrar o mundo da ilegalidade.

7.2.1.2

Aspectos do manejo do *self* estigmatizado e a neutralização do desvio

Reconhece-se nas reformulações da narrativa de Jorge um olhar retrovisor que reconstrói no presente sua história a partir de um sentido de final (Mishler, 2002). Os eventos e personagens performados foram, na interação com Jorge, sendo revisados de modo a adequarem-se aos propósitos interacionais da história. Assim como ocorreu quando da análise da história de José, a equação discursiva complexa construída por Jorge bem como a narrativa de seu momento epifânico foram recortadas para a análise pelo tanto que contribuíram, neste estudo, para a elaboração das razões que justificam escolhas desviantes em histórias de vida. Argumenta-se aqui que os movimentos recorrentes de desculpabilização da família, autoelogio e amenização da agência constroem um pano de fundo adequado para a emergência de um episódio disruptivo que termina por justificar e tornar a identidade desviante neutralizada ou até meritosa. Jorge percorre esse caminho de forma menos organizada que José, mas elementos estruturais semelhantes compõem, autorizando a identificação de um padrão.

Como se viu, a desculpabilização da família e um primeiro movimento de autoelogio estão presentes desde o início da interação, quando o entrevistado se esforça por se construir como pobre e favelado, como estudioso, como membro de uma família trabalhadora, com quem se identifica e a quem apoia. Ao apresentar-se dessa maneira, Jorge atribui relevância a esses elementos, inclusive aos valores morais a eles relacionados, na construção discursiva do *self*.

A mais forte “luz favorável” sob a qual Jorge se apresenta, no entanto, está localizada em outro fator de autoelogio: a criticidade de seu pensamento. Como seria de se esperar, o entrevistado não ressalta discursivamente sua identidade estigmatizada; antes, o episódio epifânico e o cenário para ele construído fazem do desviante aquele que contorna o subjugo, superando-o. Nesse sentido, os que

trabalham “honestamente” seriam aqueles que não se deram conta daquilo que o narrador crítico percebe. Embora reconheça os méritos do modelo ‘trabalhador’, no qual inclui sua família, Jorge também o trata como opressivo, e, em franca oposição a isso, elencará o tráfico como a alternativa crítica, conscientizada. Em resumo, *Jorge faz entender sua adesão ao tráfico como uma transgressão*.

Diferentemente da profissão, que é, quase sempre em nossa cultura, um elemento biográfico relevante a que se atribui valor social positivo (Linde 1990), não faria sentido a um narrador falar sobre seu o estatuto criminoso meritosamente, a menos que o contexto autorizasse essa leitura; a não ser que, por razões delimitadas circunstancialmente, na construção identitária situacional e relacional, o rótulo de ‘transgressor’ ganhe outros contornos. Assim como no caso da entrevista com José, em que se notava claramente uma agenda de entrevista baseada na expectativa interacional de quem eram os interlocutores do discurso, repete-se aqui um monitoramento do modo de se apresentar em relação à definição de situação – não uma entrevista qualquer, mas uma que é parte de uma pesquisa social – e de quem sejam seus pares – os pesquisadores – os quais potencialmente, seguindo os estereótipos compartilhados, fariam parte de um grupo mais restrito de pessoas que veriam a subversão crítica com bons olhos.

Além disso, a coerência da narrativa está amarrada na própria construção racional das justificativas de adesão elaboradas por Jorge, que conforma a transgressão dentro de uma ordem discursiva que a torna razoável. Na base dessas justificativas, por exemplo, está um conjunto de crenças supostamente compartilhado pelos interlocutores: a descrença na política; a revolta com governantes corruptos a quem não se legitima como legisladores do certo e do errado; o discurso da impunidade. Se é preciso saber o que, no seio do grupo, conta como uma boa razão para uma escolha desviante, e se essas crenças, fortemente arraigadas no senso-comum, aparecem recorrentemente em muitos outros discursos/personagens que circulam na cadeia (cf. capítulo 8), então elas “autorizam” a possibilidade de a conscientização crítica causar a revolta que desagua na adesão ao tráfico. No caso específico da história de Jorge, autorizam a adesão ao tráfico tornar-se uma transgressão positiva, que se impõe sobre as rotinas de humilhação da população favelada e oprimida. Especialmente a fala do professor Marcelo, no excerto 4, parece ter encorajado a construção definitiva de uma relação de causa e efeito que tornasse a “epifania crítica” condizente com

justificativas consideradas culturalmente apropriadas e favoráveis para situações de desvio.

Ainda a respeito da revelação epifânica, que parece ser a base sobre a qual Jorge compreende sua entrada para o tráfico, é preciso lembrar a formulação de Becker, segundo a qual há um grupo formulando o que é desviante, e que, por essa razão, diferentes grupos consideram diferentes coisas como desviantes. Parece ser este o ponto que Jorge deseja alcançar: uma das preocupações do interno na constituição de sua história é construir-se como alguém consciente (através da epifania) de que é “própria sociedade quem cria as regras cuja violação constitui o desvio”. Se, então, o esfacelamento das fronteiras entre a normalidade e o desvio for parte de um sistema de conhecimento compartilhado, então, na elaboração de sua transgressão, Jorge simultaneamente neutraliza seu estigma e negocia sua afiliação à categoria de que pretende ser membro: a dos “críticos do sistema”, sejam eles os especialistas acadêmicos ou os fora-da-lei inconformados.

Pode-se dizer que o sistema de coerência adotado por Jorge é o discurso crítico próximo, mas diferente, da relação determinista entre opressão e crime adotada antes por seu companheiro José. Conforme já se disse, enquanto José entendia o tráfico como uma fatalidade inescapável imposta pelas esferas de poder, a fala de Jorge identifica no tráfico uma *alternativa à opressão*. É também uma simplificação dos modelos sociológicos macro, como um marxismo simplificado, adotado largamente por facções criminosas que se identificam como *revolucionárias*. Nessa lógica, a conscientização é o primeiro passo para a revolução. Em poucas palavras, enquanto José focava a opressão operando deterministicamente sobre o indivíduo, Jorge está um passo adiante, em que a opressão já está posta, e a conscientização sobre esta levará à superação de um modelo viciado, em que o tráfico pode ser lido como uma forma de *resistir*.

Essa forma de dar coerência ao discurso acaba tornando as construções de Jorge menos apassivadas que as de José. Dessa vez, porque a adesão ao crime é entendida como superação, e não como desistência, há um sujeito que *faz* alguma coisa. Em todo caso, é o poder público que está sendo culpabilizado, o que sugere, por implicatura, a desculpabilização do transgressor, uma mitigação implícita de sua agência. A vitimização está, portanto, implicada no sistema de coerência de que Jorge lança mão.

7.2.2

Lúcio: drogadicção e abuso infantil na construção da vitimização

A entrevista com Lúcio, de que participou também o Julio Giannini, foi, certamente, a mais tensa entre todas as realizadas. A fala pausada e articulada do entrevistado contrastava com seus gestos e olhares intensos, infelizmente difíceis de representar neste momento devido à impossibilidade da gravação em vídeo à época. Lúcio nos contou sua história salientando episódios bastante diferentes daqueles destacados por seus colegas, e isso justifica a sua inclusão neste capítulo. Como se verá, a explicação para adesão ao crime que aqui se constrói não está elaborada a partir da culpabilização de um poder público e seus desmandos. A partir de uma elaboração narrativa fragmentária, serão a experiência do interno com as drogas e a vida familiar conturbada as protagonistas do que ele próprio nomeia como sua “perdição”. Em todo caso, mantém-se o traço estrutural que marca o discurso criminal no contexto: a sequencialização narrativa que esbarra em um evento disruptivo, e a maneira peculiar com que o narrador se apresenta, autorizarão a inclusão de Lúcio na mesma categoria de seus companheiros.

Na análise que se segue, sigo focalizando as circunstâncias da entrada para o crime, lançando foco especialmente sobre os episódios disruptivos que condicionam tal destino, bem como sobre as estratégias de apresentação sob uma luz favorável, ambos articulados para levar a cabo a neutralização do desvio.

EXCERTO 1: “NÃO TEVE JEITO DE MEU PAI VIGAR”

- 07 **Liana** tá ↓bom? tá. primeira coisa que eu anotei aqui
 08 pra ge:nte falar- o seguinte, tá é-, como é que
 09 foi, não precisa dizer onde foi mas-, enfim, como
 10 é que foi, qual é a relação com seus pa::is...
 11 que que você chegou a fazer naquela é::poca...
 12 **Lúcio** sou de uma família nume[ro::sa.
 13 **Liana** [ah é?
 14 **Lúcio** é, uma família numero::sa. e a família quando é
 15 numerosa... e é de comunidade... ela não é unida.
 16 não porque não seja unida pelos laços, mas pela::
 17 né? pelo lugar. E a família muito grande não tem
 18 como eles controlar todos os filhos, sabia?
 19 **Liana** [humhum]
 20 **Lúcio** e:: numa comunidade nós se::mpre voltamos as
 21 coisas pro lado mais fácil, né? ...
 22 **Liana** [humhum]
 23 **Lúcio** achando que sejam as coisas mais fáceis, né?

24 porque você chega ali... e:: não teve como meus
 25 pais, né, é... vigiar todos nós
 26 **Liana** [sei
 27 **Lúcio** °saber o que estávamos fazendo ou não°. ↑a parte
 28 deles eles faziam que era ir pra escola, <aquela
 29 coisa>, que eles trabalhavam, família numerosa.
 30 <aí ↑começou as amizades>. as primeiras amizades,
 31 essas coisas...

Já acostumada ao movimento recorrente de se salvar a família – Lúcio foi o nosso penúltimo entrevistado na pesquisa –, inicio a interação abordando o contexto familiar. De modo alinhado à já mencionada *negociação tácita do tópico*, Lúcio responde à minha pergunta com uma narrativa cujo ponto é sua adesão ao crime, costurada, desde o sumário por uma primeira justificativa nessa direção: sou de uma família numero::sa. (linha 12). Se o sumário encapsula o ponto da história, a menção à família numerosa então cumpre dupla função: ao mesmo tempo em que, conforme se verá, o interno, nesta primeira fase da história, quebra a expectativa de desculpabilização da família, atribuindo à pouca vigília por parte desta o seu “descaminho”, por outro lado, a mesma sentença é parte de uma estratégia argumentativa típica do discurso deste entrevistado, que conduzirá uma explicação bem mais complexa para o desfecho de sua história.

Tal estratégia consiste no seguinte: será comum, na entrevista como um todo e nos excertos selecionados para esta análise em particular, a ocorrência de orientações avaliativas elaboradas sob a forma de premissas logicamente estruturadas, que explicam e embasam as ações narradas. O discurso de Lúcio é, assim, povoado de premissas explicativas de senso-comum que tornam seu destino concebível tal como uma dedução silogística. Neste primeiro momento de sua narrativa, a construção está estruturada da seguinte maneira.

PREMISSAS	FUNÇÃO NARRATIVA	LINHA
eu sou de uma família numerosa	Resumo; orientação	10; 12
famílias numerosas de comunidade não são unidas	Orientação	14-5
é o lugar (comunidade) o fator responsável pela desunião	Orientação	16-7
Famílias numerosas e de comunidade não	Orientação	17-8

conseguem controlar seus filhos		
As pessoas da comunidade procuram os caminhos fáceis.	Orientação	20-1

As orações narrativas que seguem a longa orientação representada acima descendem diretamente das afirmativas lá construídas e aparecem a partir da linha 23, onde se nota uma fronteira clara que separa dois estilos distintos (o das construções genéricas e o da história particular). Gramaticalmente, vê-se uma mudança para a primeira pessoa e para o passado, mas narrativamente há uma continuação da história, agora indubitavelmente singularizada, que é, ao mesmo tempo, uma exemplificação das teses defendidas no recorte anterior:

não teve como meus pais, né, é... vigiar todos nós (linha 24);

<aí ↑começou as amizades> (...) (linha 30)

Assim como no caso de Jorge, cuja narrativa sublinhava a existência, na juventude, de uma “influência” dos amigos – como uma “bandeja” que vinha em sua direção –, Lúcio constrói o desfecho de sua narrativa (linha 30) atribuindo às “amizades” a origem de sua entrada para o tráfico.

Tendo sido esse o seu destino, resultado lógico das generalizações pré-construídas, a história de Jorge, conforme as costuras causais e sequenciais alinhavadas, não parece contar, nesse momento, com um episódio disruptivo que encaminhe uma mudança brusca no encaminhamento dos eventos. Até aqui, Lúcio não nos surpreende; tudo se encaminha de maneira previsível, conforme os scripts de senso-comum montados na tabela 2.

Por toda a interação, nota-se uma indecisão em relação à desculpabilização da família: ao mesmo tempo em que a ausência da vigília familiar estaria na base da explicação de Lúcio para a entrada no crime, aqui se nota que sua culpa é apenas indireta, afinal, todos eram trabalhadores e faziam sua “parte” (linhas 28-9); a condição desunida da família seria, sob essa ótica, uma condição “natural”, imposta pela pobreza, isto é, pela vida na “comunidade”.

Dando prosseguimento à história, Lúcio começa a contar mais detalhadamente como sua chegada de uma cidade do interior ao morro onde viveu na juventude lhe abriu a perspectiva do tráfico. Agora, parece que a

responsabilidade sobre seu destino se transfere mais claramente para já conhecidas “amizades”. No excerto 2, essa relação causal aparece melhor organizada, e o salvamento da família aparece explicitamente formulado:

EXCERTO 2: “AQUILO DEIXA ILUDIDO”

- 41 **Lúcio** isso. e chegando lá nesse morro, lá a gente foi
 42 a... ao percurso errado, quando nós vemos tudo
 43 aquilo, que tá tão presente no dia.. e aquilo
 44 deixa.. iludido, sabia? teus vizinhos arrumados,
 45 vi, porque tudo é:: aparê::ncia, essas coisas,
 46 quando nós éramos... quando nós somos jovens,
 47 nós.. almejamos tudo e queremos tudo com rapidez.
 48 quem dera se nós pudéssemos ter o discernimento
 49 de que o rápido custa caro.
 50 **Liana** é.
 51 **Lúcio** quem dera se eu tivesse o discernimento de tanta
 52 coisa.
 53 **Julio** [e você tem alguns, alguns...
 54 **Lúcio** [mas eu não culpo- não culpo os meus pais de
 55 certas coisas porque.. eu acho que: nós que
 56 escolhemos às vezes o que que vamos fazer..., mas
 57 às vezes, como eu falei, nós achamos que as
 58 coisas mais fáceis, pra poder, toda aquela
 59 ansiedade, aquela coisa de ter as coisas.

Nessa segunda etapa de sua história, Lúcio prossegue em sua narrativa no padrão definido no excerto 1. Alterna generalizações do senso-comum com exemplificações episódicas de sua história de vida.

Formalmente, isso é construído novamente seguindo a lógica de sentenças generalizantes que constroem premissas como orientações, que formam o pano de fundo para as narrativas pessoais. Dessa vez, no entanto, de forma um pouco mais embaralhada, comparecem também orações narrativas não canônicas, porque elaboradas com verbo no presente e impessoalizadas pelo uso de um ‘nós’ genérico, mas que estão em todo caso indicando ‘verdades’ que se deseja comprovar com a história-exemplo. Além disso, tais construções apontam para uma frequente recusa de Lúcio por se incluir como personagem da história que conta. Tal organização se dá de acordo com o seguinte esquema:

PREMISSAS / GENERALIZAÇÕES	ORAÇÕES NARRATIVAS
quando nós vemos tudo aquilo e aquilo deixa.. iludido, sabia?	e chegando lá nesse morro
porque tudo é:: aparê::ncia	lá a gente foi a... ao percurso errado

quando nós somos jovens, nós.. almejamos	teus vizinhos
tudo queremos tudo com rapidez	arrumados, vi

Como primeira premissa, desta vez, tem-se que o luxo e as aparências iludem as pessoas; como evento narrado que “comprova” a generalização, há a chegada à comunidade e a visão de seus vizinhos arrumados; já à premissa de que o jovem deseja resultados rápidos, contrapõe-se a chegada ao morro e a adesão presumivelmente imediata ao crime. Agora sim, o entrevistado confirma a desculpabilização da família (também claramente formulada nas linhas 54-5). É importante notar, que, estando os eventos alinhavados dessa forma, desta vez, um episódio disruptivo ocupa centralidade na história: a chegada no morro é apontada sintaticamente como causa da adesão criminal: “e chegando lá nesse morro, lá a gente foi a... ao percurso errado” (linhas 41-2).

Uma característica peculiar do discurso de Lúcio aparece pela primeira vez ao final desse excerto 2: mesmo evitando construções narrativas particulares (em oposição às genéricas), o narrador constrói uma coda que encapsula uma história que não foi contada²⁵. Em outras palavras, embora o discurso esteja em grande parte impessoalizado, e várias etapas da construção narrativa, que Lúcio provavelmente imagina estarem subentendidas²⁶, tenham sido suprimidas, uma “moral” para a história comparece, contando com o preenchimento das lacunas por parte dos interlocutores: “quem dera se nós pudéssemos ter o discernimento de que o rápido custa caro. quem dera se eu tivesse o discernimento de tanta coisa” (linhas 48-52).

Devemos pressupor que o que é contado genericamente (estar iludido com a riqueza) foi precisamente o que Lúcio entende ter acontecido com ele. Na coda, o evento é avaliado negativamente, estando o narrador-personagem construído como alguém que não ‘teve discernimento’. A esse respeito, cabe alguma recapitulação das outras duas interações apresentadas neste capítulo. Enquanto José teve a agência de sua adesão ao tráfico amenizada pela vitimização no

²⁵As frequentes “elipses” na narrativa de Lúcio, assim como de seus colegas, pode ser explicada com base no trabalho de face que marca o encontro misto, conforme desenvolvido no capítulo 5 desta tese.

²⁶ De tão apoiadas no senso-comum, pode-se dizer que as premissas e orações genéricas construídas por Lúcio induzem uma compreensão que inclui Lúcio em uma categoria de meninos que, assim como o fez Jorge, seguiu um roteiro típico. Por essa razão, parte da história pôde estar suprimida, assim como pôde ser recuperada na coda.

episódio da violência policial, e Jorge, pela criticidade epifânica e a guinada inescapável conduzida por ela, pode-se dizer que Lúcio, de certa forma, encaminha uma mitigação semelhante, na medida em que a coda, conforme construída por ele, o identifica com a falta de alguma coisa (discernimento), e não com a presença de uma qualidade que o impelisse para o crime²⁷. Conforme já se disse muitas vezes ao longo desta tese, é preciso ao narrador desviante, na interação com o não-desviante, e nas condições da interação no contexto prisional, estar sensível aos padrões de normalidade para formular um porquê que torne a entrada para o crime justificável. Assim sendo, alegar uma falta de discernimento resultante das circunstâncias da vida (tais como a falta de vigília dos pais e a convivência com ‘más companhias’, por exemplo) é sempre mais aceitável que se dizer algo como “eu sempre quis pegar em armas”, ou “eu desde criança tinha raiva de policiais”. Essa ideia estará melhor desenvolvida no capítulo 8. Por ora, cabe ressaltar a diferença entre essas construções hipotéticas e as disruptivas que de fato ocorrem nos dados desta pesquisa, que fazem sentido dentro das circunstâncias relacionais e situacionais da geração dos dados.

A entrevista com Lúcio segue, a partir desse ponto, por outros caminhos não-narrativos e que não tematizavam a adesão criminal (cf. anexo 2), até que, no momento representado no excerto 3, que, apesar de não narrativo, apresento para exemplificação, reformulo a minha pergunta inicial, impessoalizando o discurso com o objetivo de não confrontá-lo com a identidade desviante. Lúcio então esforça-se por sustentar a tese de que o lugar onde se mora determina o caminho da criminalidade:

EXCERTO 3: “EU NÃO DEI A SORTE”

- | | | |
|----|--------------|---|
| 62 | Liana | então deixa eu te perguntar uma coisa que assim, |
| 63 | | você não precisa falar da tua experiência mesmo, |
| 64 | | pode falar assim de maneira geral, mas o que que |
| 65 | | acontece na vida de um <u>meni::no</u> , como <u>você</u> , pra |
| 66 | | que ele... pra que ele °acabe::° se encaminhando |
| 67 | | pro trá::fico ou pra um- pra um °caminho° |
| 68 | Lúcio | eu acho que é o lugar onde mora. |
| 69 | Liana | você acha que o <u>lugar</u> que[mo↑ra |

²⁷Tal observação torna-se relevante especialmente se pensarmos que no caso de histórias de sucesso, por exemplo, tais como as já mencionadas narrativas de escolhas profissionais de Linde (1992), essa lógica se inverte: é sempre algo já presente no indivíduo, uma qualidade sua e intrínseca, o que impulsiona a ação ou a escolha narrativizada.

70 **Lúcio** primeiro fator. porque
 71 meus filhos, tem que ver, é >outro mundo<, é
 72 >outra coisa<. nada, nada, nada, nada. porque eu
 73 não dei a sorte que eles deram.
 74 **Liana** humhum. o que que aconteceu na tua vida <que foi
 75 diferente do que acontece na vida deles>?
 76 **Lúcio** o carinho, a atenção... mãe? pai? tá toda hora
 77 ali ..pra te ajudar↓(3.0) eles tiveram tudo
 78 isso... ma::s (2.0) eu acho, né, °na minha
 79 concepção° que é porque às vezes eu ficava meio
 80 solto. A gente é ... (os filho que é muito
 81 solto), entendeu? ...só conhece coisas que... é
 82 complicado, é complicado, é complicado. porque
 83 nós podemos culpar a pobreza, podemos culpar
 84 tudo.. <é que nós não tinha o discernimento> e
 85 quando você tem o discernimento, você já tá bem
 86 aqui ó ((gesticula, indicando o espaço da
 87 cadeia)). e pra sair? >e pra sair<?

Ao comparar sua vida com a dos filhos (“eles tiveram tudo isso” *versus* “eu não tinha o discernimento”), os quais, segundo o que é possível de se recuperar pelo contexto, cresceram em um lugar diferente, o narrador novamente resume a relação de causalidade que equaciona a falta de cuidado da família com a falta de discernimento que conduz à entrada para o crime.

A esta altura, eu formulo mais uma pergunta a Lúcio. Quero saber se ele se deu conta da influência dessa diferença de criação no rumo que sua vida tomou.

EXCERTO 4: “A DROGA DEIXA NÓS ILUDIDO”

88 **Liana** você se lembra de um momento em que você se deu
 89 conta assim disso?
 90 **Lúcio** agora... depois de velho.
 91 **Liana** [°depois de preso°?
 92 **Lúcio** depois, °a droga deixa nós iludido°. a droga faz
 93 você perder o pudor por si, imagina pelos
 94 outros. é uma doença, sabia?
 95 **Liana** é, se considera uma doença.
 96 **Julio** (o que que é?)
 97 **Lúcio** nós nunca entramos porque queremos..., mas a
 98 droga é um grande passo pra isso.

Na resposta de Lúcio, um novo elemento é, subitamente, introduzido à trama: o envolvimento dele com as drogas. Tal elemento é apresentado como se fosse “dado”, o que nos surpreendeu: “depois, a droga deixa nós iludido. A droga faz você perder o pudor por si, imagina pelos outros. É uma doença, sabia?” (linhas 92-4). Adicionalmente, essas primeiras orações também reformulam a história de vida que, aos poucos, vai sendo reconstruída a partir daquele olhar retrospectivo que tanto marcou, por exemplo, a fala de Jorge.

A “ilusão”, antes, no excerto 1, atribuída à chegada ao morro e ao deslumbramento com o dinheiro fácil, é repaginada e renomeada: “a droga deixa nós iludido (...) é uma doença, sabia?”.

Embora não narrativa, a sequência condensa um novo cerne da argumentação do entrevistado sobre a entrada para o crime, e se relaciona com a história mais ampla, fragmentariamente narrada ao longo da entrevista. A partir daqui, a expectativa de vitimização, alegadamente característica das narrativas de adesão, se concretiza: a “doença” torna-se a responsável pelo destino de Lúcio.

Com uma estrutura desorganizada, com suspensão frequente do fluxo narrativo e presença constante de construções generalizadas e hipotéticas, a entrevista de Lúcio ganha coerência quando analisada sob a luz da noção de neutralização. O entrevistado parece estar realizando uma série de reformulações ‘online’, que buscam tornar o final já conhecido (a escolha criminal) coerente com um acontecimento externo disruptivo. A primeira formulação, “família numerosa”, não-disruptiva, foi, a cada excerto, gradualmente cedendo lugar a outras justificativas (ou relações de causalidade, fazendo a transposição para a terminologia de Linde), que cada vez mais traziam consigo um potencial de “virada”: a mudança para uma comunidade, a influência dos amigos e, finalmente, o envolvimento com drogas.

Ao invés de simplesmente trocar uma justificativa por outra, Lúcio esforça-se por ligar a experiência com as drogas à sua chegada ao morro em que viveu na juventude. Nesse sentido, começa a ficar claro por que o “lugar que se mora” estava tão incisivamente presente nas redes de causalidade construídas até então.

EXCERTO 5: “NÓS NOS ACOSTUMAMOS”

- 111 **Lúcio** é, é. isso, é. aí acho que tudo pra poder tomar
 112 uma decisão tinha que ter aquilo. <mas depois
 113 também>... aí vim pro Rio de Janeiro, quando
 114 cheguei no Rio de Janeiro, ↑meu Deus do céu↑.
 115 **Liana** ah, você era de outro lugar?
 116 **Lúcio** era, lá:: de jegue-jegue.
 117 **Liana** entendi:: hh hh
 118 **Lúcio** aí vim pra cá, Rio de Janeiro maravilhoso,
 119 aqueles belos anos oitenta.. né?
 120 **Liana** hh hh
 121 **Lúcio** aí sabe como é que é, né? a ilusão, eu vivi..
 122 época de:: de rock, reggae, Company, época de
 123 Barão Vermelho. Noites Cariocas
 124 **Julio** [noites Cariocas hh. hh]
 125 **Lúcio** no::ssa! nós íamos, pulava a pedra e tal por
 126 trás, ui, uma coisa,sabe?

- 127 **Julio** humhum
 128 **Lúcio** sabe? E, outra coisa, nós se acostumamos, sabia?
 129 Nós acabamos acostumando, que não tivemos uma
 130 família... que nem eu tenho, ali, cobrava. Olha,
 131 eu vou ter uma oportunidade agora aqui, com
 132 quarenta e dois anos, hein? eu perdi minha
 133 juventude toda dentro de cadeia.

O trecho representado acima costura a associação entre a chegada à cidade e a ilusão proporcionada pelas drogas: “aí vim pra cá, Rio de Janeiro maravilhoso, aqueles belos anos oitenta.. né? aí sabe como é que é, né? a ilusão, eu vivi” (linhas 118-121). O ponto será retomado, poucos minutos depois, a partir de uma avaliação externa, em um excerto explicativo:

EXCERTO 6: “É, ADICTO, SABE?”

- 269 **Liana** você era do tipo que dependia mesmo?
 270 **Lúcio** é. (2.0) adicto, sabe?
 271 **Liana** sei.
 272 **Lúcio** aquele ponto de-... eu perdi minha família, eu
 273 perdi os meus filhos por causa disso. eu só
 274 perdi, perdi, <eu não ganhei nada>. perdi minha
 275 juventude, perdi meus filhos, perdi a minha
 276 mulher, perdi todo o tempo da minha vida de ter
 277 uma oportunidade, de tá... ter alguém.

Lúcio neste ponto parece tomado de muita emoção. Seu olhar era transtornado, e, em seu discurso, o que mais se destaca é o caráter dramático de suas escolhas estilísticas, os dois elementos que compunham sua performance no cenário da entrevista. A estrutura paralelística e as repetições do excerto acima são emblemáticas disso (linhas 272-6).

A estrutura dramática do excerto justifica-se pela construção identitária que vai sendo performada. Para Lúcio, assim como o foi para os demais entrevistados, construir-se sob uma luz favorável significa fragilizar-se, vitimizar-se, mitigar a agência da criminalização. Diferentemente da pesquisa de Zaluar, por exemplo, que afirma estarem os seus informantes construindo-se sob o *ethos* do guerreiro orgulhoso (cf. capítulo 2), para os propósitos do contato misto nesta interação específica, interessa a Lúcio tornar relevante seu duplo estigma: drogadicto e criminoso, tentando traçar uma relação causal entre ambos, o que é útil para salvar, simultaneamente, sua própria face e a do entrevistado.

A luz favorável requerida pela situação vem, em Lúcio, indiretamente: surge dos efeitos dialógicos que sua vitimização produz. Enquanto José e Jorge

constroem uma aptidão óbvia em uma etapa localizável da estrutura narrativa (o talento com a pintura no caso do primeiro, e a criticidade no segundo), em Lúcio, não há esse momento de autoelogio. Somos nós, os interlocutores, que completamos as lacunas ao ponto de considerar mais coerente e aceitável o fato de seu desvio ser consequência de sua doença. Em outras palavras, pensando em quanto a vitimização de Lúcio tem a ver com a discussão sobre neutralização de desvio que ora propomos, pode-se dizer que sua fragilidade, exposta em passagens como a do excerto 6, é sua promissória. A expectativa de vitimização co-construída “online”, interacionalmente, é o que garantirá uma luz favorável implícita na performance identitária. A expectativa é satisfeita porque ele conta com toda a minha adesão, que confirmo o estatuto de “doença” de sua drogadicção (linha 94; excerto 4). Nesse sentido, a própria narrativa e sua sequência são estratégias de trabalho de face, que substitui um estigma não-meritoso (criminalidade) por outro digno de pena (adicção).

No excerto 7, o discurso da dependência química cede lugar a (mais) um novo elemento, que potencializa tanto o modo disruptivo de dar sentido à história, bem como a construção identitária positiva favorecida pela vitimização.

EXCERTO 7: “MAS TEM OUTROS VILÕES”

- 308 **Lúcio** e tem pessoas que, por exemplo, eu,... tenho doze
 309 anos, tem uma senhora, <me pega, me leva pra casa
 310 dela>, eu acho que arrumei uma mã::e, eu arrumei uma
 311 família, mas ela quer outra coisa. (2.0) <você
 312 acredita>? ((neste momento, Lúcio parece agitado, e
 313 sua fala está bem menos mansa e pausada que o
 314 normal)) tem pessoas que leva as pessoas pensando
 315 que quer criar uma família, ela quer você pra
 316 amante.
 317 **Liana** é.
 318 **Lúcio** (2.0) aí você perde todo aquele so::nho. (2.0)
 319 <sabia>? aí você acha que ninguém presta, você
 320 pensava que era o vilão... mas tem outros vilões.

Embora em primeira pessoa, a narrativa de João é hipotética, com um “eu” gramaticalmente usado como índice de indeterminação do sujeito, servindo como exemplificação para a generalização construída. Esquemáticamente, tem-se a seguinte estrutura:

GENERALIZAÇÃO	EXEMPLIFICAÇÃO
tem pessoas que (...) leva as	eu, tenho 12 anos, tem uma

pessoas pensando que quer criar uma família, ela quer você pra amante	senhora, me pega, me leva pra casa dela, eu acho que arrumei uma mãe, eu arrumei uma família, mas ela quer outra coisa.
--	--

Pela primeira vez em narrativas cujo ponto seja a criminalização, após a apresentação os personagens, as ações narrativas são muito claras e ordenadas: me pega/me leva pra casa dela/eu acho que arrumei uma mãe/ eu arrumei uma família/ mas ela quer outra coisa. Embora o tempo presente sirva de índice sintático para a construção de eventos hipotéticos, parece claro que Lúcio está falando de sua própria história. É a avaliação em forma de coda que permite tal interpretação: Você acredita? Tem pessoas que leva as pessoas pensando que quer criar uma família, ela quer você pra amante (linhas 312-6). Também na coda ficamos sabendo que a “outra coisa”, subentendida na linha 311 apresenta um conteúdo sexual, conduzindo a inferência segundo a qual Lúcio tenha sido vítima de abuso na infância²⁸.

Nessa nova reconstrução de sua trajetória, a coda também elabora a relação de causalidade da narrativa (“aí você perde”; “aí você acha”), fechando o “elemento disruptivo” (as drogas), que finalmente termina de mitigar a agência de Lúcio quanto à adesão criminal.

A análise das relações de causalidade e sequencialidade contadas em histórias de adesão ao crime enfatiza, em todos os casos, o modo como a identidade está construída sempre ancorada na ideia de que o tráfico não seja uma predisposição, mas um caminho que se teve inescapavelmente que seguir. Com Lúcio não é diferente. Com alguma consciência de que é preciso não violar as expectativas normativas que operam sobre a apresentação social no encontro misto, isto é, a neutralização do desvio, o interno organiza o mundo ao seu redor marcado por tragédias, e a sua própria identidade criminal como fuga ou resultado fatídico do drama da sua vida.

²⁸ É importante notar novamente aqui o fenômeno interacional já descrito no capítulo 5 desta tese. Diante da revelação dramática feita por Lúcio neste momento, respondo com um “é” seco, estratégico em termos de trabalho de face: invisibilizando o evento do abuso, tanto a face positiva requerida quanto o potencial ameaçador da informação agora compartilhada ficam salvaguardados.

Nos dois episódios, tanto o da drogadicção quanto o da exploração sexual, Lúcio apresenta-se de modo a amenizar o impacto da identidade criminal. Isso é possível a partir da técnica narrativa disruptiva, que justifica sua história de vida e que, em primeiro plano, o vitimiza, neutralizando o estigma de pano de fundo (o criminal). Aqui, a vitimização de Lúcio, assim como a penalização decorrente dessa estratégia, configura-se como um caso peculiar em que não estar sob uma luz favorável (apresentar-se como alguém digno de pena) produz justamente o efeito contrário; é vantagem que atende às demandas culturais e interacionais.

Assim como esteve sublinhado na análise de José e Jorge, não há características desviantes sendo enfatizadas no discurso de Lúcio; prevalecem os símbolos tipicamente ligados ao sofrimento e à luta: desta vez contra a doença e ao abuso sexual. Nesse sentido, embora a versão simplificada e popularizada do marxismo tenha, desta vez, estado de fora da narrativa, outras visões de senso-comum comparecem, dessa vez alinhadas a uma versão popularizada da psicologia:

- i) em relação à drogadicção: substâncias entorpecentes alteram o comportamento das pessoas, enfraquecendo seu poder de decisão, tornando-as amorais, impulsivas e com dificuldades de adaptação aos padrões de normalidade;
- ii) em relação ao episódio de abuso infantil: acontecimentos dessa natureza “adoecem” psicologicamente as pessoas, e explicam distúrbios comportamentais na vida adulta.

São esses os discursos disponíveis na sociedade que conferem coerência ao modo como Lúcio organiza sua história de vida e contribuem para substituir os símbolos estigmatizantes da sua experiência criminal por outros mais amenos, ou mais aceitos culturalmente, destacadamente aqueles que constroem a diferença como consequência direta de opressões externas ao indivíduo.

7.3

Conclusão do Capítulo

No decorrer das entrevistas, outras histórias como as de José, Jorge e Lúcio foram contadas. Problemas econômicos, dependência de drogas, sentimento de exclusão e exposição a situações de violência e discriminação parecem estar na

base dos *accounts* daqueles que recebem e incorporam o rótulo do desvio em suas vidas. É nesse sentido que as poucas narrativas selecionadas para este capítulo são ilustrativas da coletânea de dados.

Recebe atenção especial na análise aqui empreendida o fato de as três categorias analíticas enfatizadas – rede de sequencialidades e causalidades; mitigação da agência; “agenda de entrevista” – convergirem para a construção do desvio como uma condição inescapável daqueles que se encontram aprioristicamente estigmatizados por um “sistema” que determina suas trajetórias de vida. Isso quer dizer que o interno – tanto José quanto os demais – está consciente da excepcionalidade de sua adesão ao tráfico, e permanece sensível aos padrões sociais que a desabonam; sua narrativa, então – o mundo possível montado discursivamente – funciona como técnica de neutralização (Becker, 1967) que apara as arestas da experiência desviante, reescrevendo a identidade estigmatizada de modo a conformá-la a uma ordem do “normal” até o ponto de ressignificá-las como prazerosas ou meritosas. *Neste trabalho, assumo que as narrativas de histórias de vida são um terreno fértil para elaboração dessas justificativas.*

Essa ideia encontra respaldo nos já mencionados estudos de Bruner (1990), Linde (1993) e Mishler (2001), que têm em comum a rejeição de uma função meramente referencial e avaliativa à narrativa. Para esses autores, histórias *criam* memórias, isto é alinhavam eventos por vezes descontínuos e porosos, redefinindo-os e ordenando-os coerentemente com base em esquemas culturais e enquadres interacionais.

O modo como os narradores personagens conseguem apresentar-se, ainda que por vias diferentes, sob uma luz favorável – patente na criticidade de José e Jorge e na fragilidade digna de pena de Lúcio, para citar os exemplos aqui desenvolvidos – encaminha, de modo complementar a terceira e última laminação de análise desta tese. Para além daquilo que os narradores constroem, é preciso atentar para o que eles silenciam: em todas as narrativas de adesão, nota-se o apagamento de uma pré-disposição ao crime; um apagamento do discurso do “instinto criminal”. Essa é a pista fundamental para a ideia que se desenvolverá adiante. As narrativas co-construídas neste trabalho, além de responder estratégica e dialogicamente à neutralização do desvio, representam um engajamento por parte dos encarcerados em um embate discursivo contra a tese que os bestializa. A

identificação e análise dos discursos mobilizados nesse embate é objetivo do capítulo 8.